

MAÇONARIA – ARTÍFICE DA INDEPENDÊNCIA

No próximo domingo, sete de setembro, o povo brasileiro estará nas ruas para comemorar os cento e noventa e dois anos da independência do Brasil, assistir os desfiles militares, das escolas e de entidade civis que prestam homenagem à Pátria e verá com orgulho os nossos pracinhas, que tão bem estiveram nos campos de batalha durante a 2ª guerra mundial, ouvirá os discursos das autoridades e, no fim da tarde, voltará para suas casas, feliz e orgulhoso de ser brasileiro.

No entanto, ao rememorar a história que aprendera nas escolas, ficará sem saber porque um grupo de homens, vestidos de preto, com aventais estranhos estão também desfilando no Dia da Pátria se nos livros didáticos não há nenhuma citação sobre eles, ou da participação da

Ordem a qual eles pertencem, nos movimentos que culminaram com o grito do Ipiranga, Independência ou Morte lançado por D. Pedro à frente da tropa que o acompanhava em viagem a São Paulo.

Esta é a parte da história que escolhi para saudar a independência do Brasil neste dois de setembro de 2014, antecipando à tradicional e justa homenagem que a Academia Mineira Maçônica de Letras presta a todos os brasileiros que tornaram em realidade o sonho de ter uma Pátria livre e soberana, buscando na história um nome que pudesse sintetizar e materializar todo esse sentimento patriótico, tantos são os episódios marcantes da Maçonaria na luta pela independência.

A história do Brasil que nos é ensinada, extremamente vinculada às versões alicerçadas nos registros sob a influência portuguesa, desmerece a participação da

Maçonaria nos principais movimentos pela libertação do território brasileiro do jugo português, deixando no esquecimento pessoas que foram personagens da história, negando-lhes os créditos da vitória.

No entanto, o tempo tem sido o principal aliado da verdade e, através da pesquisa e de movimentos como os que estão sendo intentados por esta academia, podemos dizer que a visão brasileira dos fatos históricos acontecidos antes, durante e depois da declaração da independência do Brasil, hão de fazer parte do currículo escolar e hão de reconhecer, também, a participação importante da Ordem Maçônica em todo o transcurso da história de libertação nacional.

Neste ano em que comemoramos 192 anos da nossa independência política, melhor momento não teríamos para, diante desta seleta plateia representativa

da cultura maçônica e da sociedade brasileira, defender a tese primária do ensinamento maçônico, a consolidação da verdade histórica diante dos fatos que levaram a sua efetiva participação nos principais movimentos que culminaram no grito do Ipiranga.

É certo que o nosso País ainda está à procura da sua identidade com a democracia depois de longos e tenebrosos anos de um regime totalitário e, talvez por isso, a Constituição Cidadã de Ulisses Guimarães tenha se excedido nos direitos dos cidadãos e fosse menos exigente com os deveres de cada um, permitindo que, em nome da liberdade, se pratique atos ignóbeis, desajustados com os princípios morais que devem ser colocados acima dos interesses pessoais.

É nesse tempo de afirmação que devemos nos lembrar que o povo brasileiro é estoico na adversidade e

aprendeu defender os interesses nacionais com denotada abnegação, com infindável paciência, com irrestrita obediência às leis constitucionais e imorredouro amor à paz.

O brado retumbante de outrora que hoje ressoa entre as vozes da juventude deste País quer demonstrar aos que nos governam que a ordem política não é apenas estar no poder, mas, essencialmente, exercer o poder em benefício da Pátria e do bem estar do seu povo.

A Pátria é para nós o lar que nos acolhe sobre a sombra da nossa bandeira e da proteção a todos que nascem sob o signo do símbolo da ordem e do progresso, ativa e representativa de todo o seu povo.

A Pátria é o solo amado e fértil, que dá o alimento para mitigar nossa fome, veste a nossa nudez, reproduz as sementes,

cria a criança, desenvolve o jovem, ampara o ancião e guarda as cinzas dos heróis.

É um dever de honra votar-lhe devoção tanto quanto devemos honrar aqueles que nos legaram um País livre e independente.

Por isto que, nesta solenidade comemorativa da nossa independência, iremos falar com a alma dos que respeitam o passado, glorificam o presente e tem fé inquebrantável no futuro, relatando a história nascida do ideal maçônico e coberta pela participação homogênea da Maçonaria em prol da grande causa libertária.

Não fosse a Instituição Maçônica, seguramente o curso da história de nossa independência não tivesse seguido tão rapidamente o seu curso triunfal.

É fora de dúvida que a Maçonaria exerceu influente papel junto aos movimentos de

libertação que muito antes de 1822 já haviam tomado o espírito e a vontade dos brasileiros.

Dentre esses movimentos, devemos de destacar a liderança do maçom Gonçalves Ledo que, ao fundar no Rio de Janeiro, no ano de 1821, aos 15 dias do mês de setembro, o jornal "O Revérbero", desencadeou com firmeza e raro brilhantismo o processo liberatório e, sistematicamente, induziu o povo e o governo para a nobre causa da independência.

Embora outros periódicos procurassem formar uma consciência de brasilidade entre a casta da população e a plebe, o verdadeiro órgão doutrinário da independência foi o jornal fundado, dirigido e escrito por Ledo.

A inteligência que fulgia desse privilegiado maçom demonstrava, a cada artigo, as intenções e os objetivos da

alma de brasilidade que queimava dentro de si e se manifestava ardente na sua atividade jornalística, apesar dos rigores da censura.

Hoje, ao se escrever a história do Brasil e contar aos jovens a parte escondida do nosso passado, devemos nos lembrar da proclamação desse intrépido e patriota jornalista maçom, levada a efeito no dia 14 de setembro de 1822 no templo do Grande Oriente do Brasil, 7 dias depois do grito da independência às margens do riacho Ipiranga:

Cidadãos:

A liberdade identificou-se com o terreno americano, a natureza o determina, a glória o pede, resistir-lhe é crime, hesitar é dos covardes, somos homens, somos brasileiros: INDEPENDÊNCIA OU MORTE.

Houve, sim, uma estratégia maçônica para acelerar o processo de

independência, como a de atrair o Príncipe Regente para a instituição, proclamado nas lojas maçônicas como defensor perpétuo do Brasil, até que no dia 20 de agosto de 1822, a menos de um mês da proclamação de D. Pedro, a independência do Brasil havia sido proclamada em sessão maçônica no Grande Oriente do Brasil, então Grande Oriente Brasileiro, epílogo de um trabalho maçônico em defesa de uma Pátria genuinamente brasileira.

A propósito, segundo o estimado irmão e confrade José Mauricio Guimarães, Venerável Mestre da Loja de Pesquisas Quatuor Coronati “Pedro Campos de Miranda e Grande Historiador da Grande Loja Maçônica de Minas Gerais, pesquisador emérito e um profundo estudioso da Maçonaria, há um equívoco quanto a esta data que seria, na verdade, 9 de setembro.

Diz, o ilustrado historiador:

“No século dezenove, nossos Irmãos contavam os meses e dias de acordo com o calendário “da natureza”. Começando o ano em Nissan, mês que marca o início da primavera no hemisfério norte e outono no sul. No calendário judaico, os meses podem ter 29, 30 ou 31 dias, dependendo da lua nova. Entre os dias 17 de junho e 25 de outubro de 1822 foram realizadas dezenove sessões no Grande Oriente Brasileiro. Entre elas, a do Vigésimo dia do 6º mês da verdadeira luz de 5.822, ou seja, no dia 9 de setembro de 1822, sem terem conhecimento do que acontecera em São Paulo”.

O comprometimento maçônico com a causa da independência nos faz, hoje, pensar numa outra revolução a favor do nosso País para declarar não uma nova independência política, esta nós a temos desde 1822, mas a independência de cada uma das consciências das cidadãs e dos cidadãos deste País.

Não é crível que sustentemos uma República que alvita os valores da

sociedade, que corrompe a si mesma ao perder o sentido da moralidade e da ética, que se perde na teia da corrupção e se protege pela impunidade garantida por leis frágeis e processos protelatórios nas várias instâncias do judiciário.

É preciso que se restabeleça a esperança em cada coração para dar vida a uma nova revolução de ideias e de ideais através do compromisso de estarmos todos unidos em torno da instituição maçônica e repetir em pleno século XXI o grito que nos trouxe a liberdade e que hoje nos pede socorro para salvar a sociedade e restabelecer a ordem pública, o direito pleno de expressão e, em especial, a segurança da família, não somente no sentido da proteção física, mas, essencialmente, na preponderância do respeito aos bons costumes, a ética e a moral tão duramente vilipendiadas nos dias atuais.

Nossos irmãos maçons de ontem fizeram a independência, cabendo a nós, desta geração e das gerações futuras, no mínimo, o dever de consolidar essa independência e criar as condições para que alcancemos o seu principal e verdadeiro objetivo, o fortalecimento das instituições democráticas, a recuperação da credibilidade no cenário internacional, o fortalecimento da economia, a retomada do desenvolvimento e, muito especialmente, o restabelecimento da nossa soberania e do sagrado compromisso com o civismo do povo brasileiro, assegurando-lhe o direito à educação, à saúde, ao trabalho digno e permanente, de forma que possamos exigir, em contrapartida, o cumprimento fiel das suas obrigações para com a Pátria e a Família.

É chegado o tempo de a Maçonaria deixar de ser passado e se projetar para o futuro, assumindo a responsabilidade

para com a nossa Pátria, exigindo de nós mesmos o dever de nos comportarmos e nos compreender, sem sofismas, sem distinção uns dos outros, porque a nossa liberdade está na força do nosso pensamento.

Há alguns meses atrás, a Academia Mineira Maçônica de Letras, fez o lançamento do livro "A Verdade dos Inconfidentes", uma coletânea dos elogios aos patronos das cadeiras daqueles que tem a honra de pertencer a esta sociedade de homens do saber, que traduzem a visão de cada um dos acadêmicos em torno da participação dos inconfidentes de Vila Rica na conjuração contra a coroa portuguesa, sem a mínima pretensão de mudar o curso da história, mas, precipuamente de fazer justiça àqueles que foram os precursores dos movimentos que levaram à independência.

Porém, paradoxalmente, a história caminha por duas vias paralelas como se fossem fatos distintos, mas, que na verdade são simbióticos, nascidos do mesmo ideal e forjados pela têmpera da mesma ideia de liberdade.

Sejamos nós, hoje, capazes de resgatar a verdade e, talvez, ao conhecer um a um os passos da história, possamos alcançar o objetivo maior da existência humana e sermos, definitivamente, homens livres e de bons costumes, numa Pátria livre, independente e justa.

Há os que pensam que pode existir democracia sem partidos políticos, e podemos até admitir essa tese como verdadeira diante da fragilidade e da falta de pragmatismo das atuais agremiações políticas brasileira, mas, será inconcebível a hipótese de a democracia sobreviver sem o povo, este sim, o sustentáculo da

liberdade e da independência que vivemos nos dias atuais.

Não é menos verdade, também, que a democracia brasileira está em risco pela falta de comprometimento da classe política com o estado democrático de direito, tantas são as ações que corrompem e desmoralizam as instituições que sustentam o regime democrático.

Permita-me lembrar aos nossos confrades e convidados aqui presentes, que, diante dessas circunstâncias, a Academia Mineira Maçônica de Letras, "inspirada nos princípios da Maçonaria, sua "célula mater", e seguindo o caminho dos relevantes ideais da Inconfidência Mineira, em particular seu patrono Tiradentes" lançou, no dia 3 de julho de 2012, Manifesto à Nação Brasileira em que

“ publicamente expressa o seu repúdio aos acontecimentos que enxovalham a nossa tradição e a nossa história, decidindo lutar com todos os meios disponíveis e legais, onde possa atingir com abrangência, com seus propósitos e com o seu brado de alerta a reversão desse infeliz quadro que a todos humilha, orientando aos que ignoram a atual realidade brasileira e sofrem pela desinformação de órgãos públicos. A Academia Mineira Maçônica de Letras está convencida de que dos seus esforços advirá um resultado positivo que prevalecerá em nosso cenário político com honra, verdade e justiça”.

No próximo mês de outubro o povo brasileiro estará decidindo o destino do País e o seu próprio destino ao exercer o soberano direito de eleger o Presidente da República, demonstração inequívoca da cidadania conquistada ao longo do tempo e cristalizada no momento solene de sufragar o seu voto livre e consciente para quem irá exercer o mais alto posto da República.

Durante o horário de propaganda eleitoral assistimos e ouvimos a repetição de antigas promessas não

cumpridas e tivemos, na palavra dos candidatos, a renovação da esperança no futuro deste País, mas, nenhum deles se lembrou, ainda, de que, antes de antevermos o futuro, precisamos viver o presente, encontrarmos o caminho da prosperidade e da felicidade e, muito mais do que isso, lembrarmos da importância da liberdade que nos foi legada pelos heróis da nossa Pátria, artífices da independência e senhores absolutos desse sentimento de brasilidade que pulsa nos corações dos que dardivosamente nasceram nesta terra de Santa Cruz.

Independência ou morte se tornou no elo entre governo e povo, deu-nos uma Pátria livre e soberana, restando a nós preservá-la e cotejar no tempo se estamos melhores ou piores do que fomos desde o império e a república.

Qual seria o conceito de independência que poderíamos, neste momento em que o governo brasileiro abdica da sua própria

soberania para atender interesses estrangeiros em território nacional, senão sentir vergonha dos nossos governantes que faltaram com o compromisso de defender a Pátria e o seu povo.

Independência não significa, apenas, ser livre, nem soberania não é, tão somente, a definição do poder inalienável de ser brasileiro, mas é a expressão maior do amor à Pátria.

Ouçã, povo brasileiro, a voz da razão, se liberte das amarras partidárias e sinta-se o mais livre dos homens e a mais independente das mulheres no exato momento de sufragar o seu voto e dê ao Brasil a oportunidade de se tornar a nação idealizada por Tiradentes, independente por direito, livre e soberana pela vontade do seu povo.

Que deixemos os desfiles passarem no dia sete de setembro, que saudemos a nossa bandeira e nos orgulhemos da

Pátria que temos, mas, também, que nos conscientizemos de que temos responsabilidades com o passado, sob pena de perdemos os nossos esforços do presente e a nossa caminhada para o futuro.

Paz e prosperidade para o Brasil!

**Palestra proferida no dia 2 de setembro de 2014-08-30,
na Academia Maçônica de Letras, em comemoração à independência do Brasil.**

**Acadêmico José Alberto Pinto de Sá,
Cadeira nº 36.**

Patrono Antônio Ribeiro de Avelar.